

PERSPECTIVAS SOBRE O PAPEL DAS MULHERES NO CRISTIANISMO DO SEGUNDO SÉCULO

PERSPECTIVES ON THE ROLE OF WOMEN IN SECOND-CENTURY CHRISTIANITY

Gabriel Ignacio Garcia¹

Resumo: Ao longo do século XX, no campo das ciências humanas e sociais, um bom número de estudiosos se lançou no estudo da cultura popular. Na antiguidade, apesar da carência de documentos, as narrativas religiosas constituem ricas fontes para sondarmos as representações populares. Sendo assim, o presente artigo objetiva analisar dois textos do segundo século da era cristã. O primeiro, um texto apócrifo intitulado “Atos de Paulo e Tecla” que oferece a representação das mulheres com características mais autônomas, capazes de protestarem e se revoltarem frente a uma situação de injustiça. O segundo escrito, o segundo capítulo de II Timóteo, onde são feitas algumas considerações restritivas acerca do comportamento da mulher. A comparação entre os documentos nos permitirá pensar as discussões sobre o papel feminino nas comunidades cristãs. Não somente questões doutrinárias estavam em debate, mas, também, o papel da mulher, seu espaço e suas margens de atuação naquele sistema religioso, ainda em processo de ordenação. Acreditamos também que a análise desses textos ajude a problematizar a dificuldade existente em alguns segmentos cristãos, como a Igreja Católica, que titubeia em aumentar a participação feminina em funções litúrgicas e sacramentais.

Palavras-chave: Cristianismo; Cultura Popular; Representações femininas.

Abstract: Throughout the twentieth century, in the field of human and social sciences, a good number of scholars have embarked on the study of popular culture. In antiquity, despite the lack of documents, religious narratives are rich sources for probing popular representations. Therefore, the present article aims to analyze two texts from the second century of the Christian era. The first is an apocryphal text entitled "Acts of Paul and Thecla" which offers the representation of women with more autonomous characteristics, capable of protesting and revolting in the face of a situation of injustice. The second writing, the second chapter of II Timothy, with restrictive considerations about the woman's behavior. The comparison of the documents will allow us to think about the discussions about the female role in the Christian communities. Not only doctrinal issues were under debate, but also the role of women, their space and their margins of action in that religious system, still in the process of ordination. We also believe that the analysis of these texts helps to

Artigo submetido em 22/08/2018. Aprovado em 23/09/2018.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: gabriel-i-garcia@hotmail.com



problematize the difficulty in some Christian segments, such as the Catholic Church, which hesitates to increase women's participation in liturgical and sacramental functions.

Keywords: Christianity; Popular Culture; Women's representations.

Introdução

Ao longo do século XX e nos últimos anos, diversos estudiosos se debruçaram no estudo da cultura popular, entre eles, ganharam notoriedade Mikhail Bakhtin e Carlo Ginzburg. A dificuldade no estudo dessa temática aumenta em períodos mais recuados como a Antiguidade em virtude da escassez documental. Apesar dessas limitações, o trabalho objetiva analisar dois textos do século II d.C., pensando as visões que foram construídas acerca do papel feminino por integrantes das comunidades cristãs.

A primeira fonte, intitulada “Atos de Paulo e Tecla”, conta a história da jovem Tecla, moça de fé e obstinação que abandonou a família e o noivo na busca por seguir os ensinamentos de Paulo. Além disso, a narrativa propõe uma posição contestadora das mulheres, agindo coletivamente, frente uma situação de injustiça.

O segundo documento, uma carta do apóstolo Paulo endereçada a Timóteo, recomenda às mulheres uma forma de comportamento, pautada em pudor, modéstia e silêncio. Visões que permitem problematizar a construção da identidade cristã, assim como as aproximações e distanciamentos entre os autores dos primeiros séculos. Naquele cristianismo em formação, não somente questões doutrinárias estavam em debate, mas, também, a delimitação do papel feminino, sua participação na comunidade e na liturgia.

Para isso, nos pautaremos em leituras que captam a dimensão cultural e simbólica contida nas representações textuais. Em se tratando de discursos religiosos, lançaremos mão das análises de Michel Foucault (2004). E, ainda, considerando as imagens femininas, procuraremos uma articulação com a história das mulheres, pensando o lugar social das mulheres e as configurações do papel feminino ao longo do tempo.

1. De Bakhtin a Chartier, a cultura popular em discussão

Ao longo do século XX, no campo das ciências humanas e sociais, estudiosos de diferentes linhas teóricas se lançaram na compreensão e problematização da cultura



popular. Em razão da variedade de trabalhos, optamos por selecionar alguns desses autores e efetuar uma pequena discussão acerca das teses que defenderam.

A obra “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” (1993), escrita pelo russo Mikhail Bakhtin, tornou-se uma leitura quase obrigatória quando nos voltamos ao estudo da cultura popular. Nela, o autor analisou a dinâmica existente entre a cultura cômica popular (manifestada na obra de Rabelais) e a cultura eclesial, assinalada como séria, restritiva e autoritária. Através dessa contraposição, argumentou em favor de uma “circularidade cultural”, principalmente, no período de transição entre o Medievo e a Era Moderna, onde:

[...] se inicia o processo de enfraquecimento mútuo das fronteiras entre a cultura cômica e a grande literatura. Formas inferiores começam cada vez mais a infiltrar-se nos domínios superiores da literatura. O riso popular penetra na epopeia, aumentam as suas proporções nos mistérios. [...] A cultura cômica começa a ultrapassar os limites estreitos das festas, esforça-se por penetrar em todas as esferas da vida ideológica.

(BAKHTIN, 1999, p. 84)

Outro estudioso, o italiano Carlo Ginzburg, um dos expoentes da micro-história, em seu livro “O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição” (1987), ofereceu uma interpretação que corroborou a tese de Bakhtin. Para isso, o pesquisador dispôs do processo inquisitorial do moleiro Domenico Scandella (1532–1599), mais conhecido como Menocchio. Homem simples, mas cujas ideias despertaram a desconfiança do tribunal da Santa Inquisição. Através dos registros inquisitoriais, Ginzburg mapeou as leituras, teorias e imagens imbrincadas na mentalidade do camponês italiano, traçando um quadro do universo cultural daquele contexto histórico. Num dado momento do texto, o historiador, reafirmando a noção de circularidade cultural, destacou “a impressionante convergência entre as posições de um desconhecido moleiro friulano e as de grupos intelectuais dos mais refinados e conhecedores de seu tempo [...]” (GINZBURG, 1987, p. 25-26). Romperam-se assim, no âmbito da teoria, as fronteiras sólidas que separavam cultura popular e erudita.

Vinculado à Nova Esquerda Inglesa, o historiador Edward Palmer Thompson também discorreu sobre a cultura popular em “Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional” (1998). Nessa obra, o autor começou problematizando a visão



espasmódica da história popular, segundo a qual, as reações da gente comum não passariam de reações aos estímulos econômicos. O autor posicionou-se contrário a essa visão, argumentando que no momento em que os homens e as mulheres da multidão se revoltavam contra o aumento no preço dos cereais, os mesmos estavam imbuídos da crença de que defendiam direitos e costumes tradicionais e que, em geral, tinham o apoio mais amplo da comunidade nessa contestação. Ao defender sua visão de cultura, Thompson sublinhou o papel das trocas culturais:

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre escrito e oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um “sistema”.

(THOMPSON, 1998, p. 17)

Mais recentemente ganharam notoriedade os estudos do historiador francês Roger Chartier, refletindo acerca das práticas e representações. Nessa esteira, constatamos o afloramento de estudos de História Cultural, com uma grande quantidade de trabalhos que se servem de tais conceitos. Chartier, num de seus artigos, revisou algumas das obras sobre cultura popular, inclusive, algumas das citadas anteriormente. O autor apontou os desafios que devemos enfrentar ao lidar com essa temática, ponderando que:

[...] o objetivo fundamental de uma história ou de uma sociologia cultural compreendida como uma história da construção do significado reside na tensão que articula as capacidades inventivas do indivíduo ou das comunidades com os constrangimentos, as normas e as convenções que limitam – mais ou menos poderosamente segundo sua posição nas relações de dominação – o que lhes é lícito pensar, enunciar, fazer. Esta constatação vale para uma história das obras letradas, pois elas se inscrevem sempre no campo dos possíveis que as tornam pensáveis. Vale para uma história das práticas que são, elas também, invenções de sentido limitadas pelas múltiplas determinações (sociais, religiosas, institucionais etc.) que definem, para cada comunidade, comportamentos legítimos e as normas incorporadas.

(CHARTIER, 1995, p. 190)

Ainda acerca das contribuições de Chartier, vale mencionar sua ênfase nas representações. Sua proposta é particularmente interessante quando nos deparamos com



discursos conflitantes em um dado momento histórico, como é o caso dos documentos que serão analisados na sequência do texto. Segundo o pesquisador, poderíamos pensar na configuração de “lutas de representações”

[...] assim entendidas como uma construção do mundo social por meio dos processos de adesão ou rechaço que produzem. Ligam-se estreitamente a incorporação da estrutura social dentro dos indivíduos em forma de representações mentais, e o exercício da dominação, qualquer que seja, graças a violência simbólica.

(CHARTIER, 2011, p. 22)

Chartier retomou o conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu, a fim de pensar o modo pelo qual tais lutas estão vinculadas aos processos de construção identitária, nos quais, atrelam-se as relações de alteridade:

[...] a construção das identidades sociais ou religiosas, situada na tensão entre as representações impostas pelos poderes ou pelas ortodoxias e a consciência de pertencimento de cada comunidade; ou bem, as relações entre os sexos, pensadas como a inculcação, pela repetição das representações e as práticas, da dominação masculina e também com a afirmação de uma identidade feminina própria, enunciada fora ou dentro do consentimento, pelo rechaço ou a apropriação dos modelos impostos.

(CHARTIER, 2011, p. 23)

Essas considerações acerca da cultura popular e da noção de representação são o ponto de partida e o aporte teórico desse trabalho que pretende refletir o papel das mulheres sob a perspectiva de duas fontes distintas. A primeira, um texto apócrifo intitulado “Atos de Paulo e Tecla”, que oferece a representação das mulheres com características mais autônomas, capazes de protestarem e se revoltarem frente a uma situação de injustiça. A segunda fonte, uma carta deuteropaulina, onde são feitas algumas considerações restritivas acerca do comportamento da mulher. Ambos os documentos apresentam datação do século II d.C., o que os aproxima do mesmo ambiente sociocultural e nos permite pensar as discussões sobre o papel que a mulher deveria exercer nas comunidades cristãs, quando estas ainda davam os seus primeiros passos.



2. Fé, resistência e poder: a história de Tecla

Citado por diversos autores nos primeiros séculos, a história de Tecla fez parte do imaginário popular. Recentemente, o interesse por essa narrativa foi reavivado, não por fiéis cristãos, mas sim por parte dos estudiosos interessados na identidade dos personagens relatados, bem como nos símbolos e discursos engendrados no texto secular.

Embora ainda parem algumas lacunas, os estudos mais recentes vêm avançando no conhecimento dessa fonte graças à comparação com outros textos da literatura paulina. Matthijs den Dulk (2012) propôs que o autor baseou-se em I e II Timóteo para estruturar os Atos de Paulo e Tecla. Contudo, defende Dulk, os ensinamentos e o retrato de Paulo encontrado em II Tim teria sido mais apropriado aos interesses do autor dos Atos. Isso explicaria o fato de que a história de Tecla contém nomes e lugares que também são encontrados em II Tim, mas apresenta uma visão mais particular sobre a mulher, destoando de I Tim.

Indo por um viés semelhante, a pesquisadora Susan Hysten, em seu livro *“A Modest Apostle: Thecla and the History of Women in the Early Church”* (2015), efetuou uma leitura dos Atos de Paulo e Tecla à luz da cultura do mundo greco-romano, ressaltando as virtudes que eram esperadas para uma mulher ocupante de uma posição de prestígio. Por mais que Tecla tenha sido caracterizada como uma mulher autônoma, sua imagem de santidade também foi pintada com as cores dos valores tradicionais, como silêncio e modéstia, atributos valorizados no âmbito doméstico e social. Através dessa lente, Hysten encontrou pontos de afinidade entre os padrões de conduta feminina propostos em I Tim e aqueles expressos nos Atos de Paulo e Tecla. Outro autor, Peter Wallace Dunn, propôs pensar as pressões e as demandas do momento em que o presbítero escreveu, sendo elas: a pressão das autoridades políticas sobre os cristãos, as práticas ascéticas e o enfrentamento dos gnósticos. Frente a essas adversidades, o autor extraiu “[...] seus temas das epístolas paulinas, e ele o faz de acordo com as necessidades de seu tempo” (DUNN, 2006, p. 198).² Sendo assim, devemos considerar três dimensões na escrita dos Atos de Paulo e Tecla: a oralidade na transmissão da história de Tecla, os usos e apropriações das cartas paulinas e deuteropaulinas, e as necessidades das comunidades cristãs no segundo século.

² “[...] he draws his themes from the Pauline epistles, and he does so according to the needs of his times.” (DUNN, 2006, p. 198).



Após esse rápido panorama teórico sobre a fonte, iniciamos a sua análise. O escrito apócrifo intitulado “Atos de Paulo e Tecla” narra, a princípio, o encontro do apóstolo Paulo com a jovem Tecla na cidade de Icônio³. A datação desse texto gira em torno do século II, como discutem Carlos Alberto Silva e Denilson da Silva Matos:

Bremmer aponta uma data em torno de 160 a.D., ao sugerir que a evidência sobre a inscrição Romana de uma Pompeia Sosia Falconilla, esposa de um cônsul Romano na Sicília por volta do ano 169 a.D., é a fonte que fornece o nome Falconilla para a filha da Rainha Trifena nos Atos de Tecla. Há pesquisadores que procuram localizar os Atos de Tecla a um encontro histórico com Paulo, entre os anos 40 a.D., no entanto, essa hipótese é problemática pelo fato da historicidade de Tecla ser considerada altamente improvável.

(SILVA; MATOS, 2015, p. 29-30)

A redação foi mencionada por Tertuliano (160-220 d.C.). O padre latino criticou severamente tanto o autor da obra, um suposto presbítero asiático, quanto o conteúdo da escrita:

Mas se os escritos que erroneamente vão sob o nome de Paulo, reivindicam o exemplo de Tecla como uma licença para o ensino e batismo das mulheres, que eles saibam que, na Ásia, o presbítero que compôs aquela escrita, como se estivesse aumentando a fama de Paulo para seu próprio interesse, depois de ter sido condenado, e confessando que ele tinha feito isso por amor de Paulo, foi removido do seu escritório. Por quanto deve parecer credível, que ele que não tivera permitido uma mulher, até aprender com o excesso de ousadia, daria a uma fêmea o poder de ensino e de batizar! "Deixe-as ficar em silêncio", disse ele, "e em casa consultar seus próprios maridos".

(TERTULIANO, Cap. XVII)

As palavras acima nos ajudam a vislumbrar as lutas de representações que estavam em jogo entre os cristãos nos primeiros séculos. Expressam a insatisfação de Tertuliano com a recepção e os usos do texto naquele momento do século terceiro, legitimando para as mulheres o direito de batizar e ensinar, a exemplo de Tecla. A argumentação em favor de uma “palavra verdadeira” do apóstolo sobre o assunto parece se tratar de uma referência às palavras contidas na carta de Paulo a Timóteo. Para compreendermos a revolta de Tertuliano, necessitamos resgatar a biografia apócrifa.

³ Em II Timóteo 3, 11, Paulo menciona suas aflições e perseguições em uma série de cidades, entre elas, Icônio.



A história de Tecla principiou quando a jovem encantou-se com as palavras dirigidas pelo apóstolo Paulo. A partir dessa experiência, convencida da importância da castidade, abandonou o noivado que mantinha com Tâmiris⁴. Nem mesmo as palavras maternas foram capazes de persuadi-la de sua decisão. O fascínio gerado pelas palavras do pregador silenciou a moça. Segundo o relato, diante desse silêncio: “Começaram a chorar amargamente, Tâmiris porque perdeu sua mulher, Teoclía a sua filha, e as servas a sua dona. Havia, pois, uma confusão e tristeza generalizadas [...]” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 743).⁵ Analisando o comportamento de Tecla, Susan Haylen (2015) chamou atenção para esse silêncio. A resiliência de Tecla não se expressou em uma rebeldia agressiva, mas modesta e silenciosa, reforçando a sua posição de “mulher honorável”. Ainda conforme Haylen, considerando a existência de outras mulheres à frente das comunidades cristãs, as ações contidas nos Atos formam um exemplo de como deveria se portar uma líder cristã.

As ações da jovem culminaram em sua condenação à fogueira.⁶ Entra em cena a imagem do martírio, tão valiosa ao cristianismo. Embora tenha disso uma das grandes adversidades enfrentadas pelos cristãos e cristãs dos primeiros séculos, o martírio tornou-se “reforço do referencial simbólico dos cristãos, expresso na ideia de que o mártir, por reviver a morte de Jesus, passava a possuir dons de santidade” (SIQUEIRA, 2006, p. 62). Diferentemente de outros tantos relatos martirológicos, no caso de Tecla, a sagração não se deu com o derramamento de seu sangue, mas com os efeitos sobrenaturais que a livraram da morte.

Graças à intervenção divina, uma chuva de granizo abateu-se sobre as chamas, salvando-a do perigo, entretanto, o livramento da morte não impediu que fosse expulsa da cidade. Sozinha, dirigiu-se a Antioquia, onde reencontrou Paulo. Para sua infelicidade, logo se achou sob o olhar mal-intencionado de Alexandre, figura proeminente na localidade.

⁴ Carlos Alberto Silva e Denilson da Silva Matos encontram nesse texto uma crítica aos padrões de família estabelecidos nas províncias romanas da Ásia Menor. Os primeiros cristãos, com uma nova concepção de sexualidade, “teriam desestabilizado o modelo de família constituído no mundo greco-romano” (SILVA; MATOS, 2015, p. 38). Por outro lado, Susan Haylen sustentou que essa recusa de Tecla ao casamento, longe de constituir uma contestação ao matrimônio, poderia ser lida pelo cristão do segundo século como um reforço da castidade e do autocontrole, um exemplo de pureza a ser seguido por casados e celibatários (HAYLEN, 2015).

⁵ “Comenzaron a llorar amargamente, Tâmiris porque perdió a su mujer, Teoclía a su hija, y las siervas a su dueña. Había, pues, una confusión y tristeza generales [...]” (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, p. 743).

⁶ Como concluem Silva e Matos (2015, p. 38), “o autor dos Atos de Paulo e Tecla, através de seu escrito, criticou os padrões de família estabelecidos nas províncias romanas da Ásia Menor, e mediante sua nova maneira de conceber a sua sexualidade, os primeiros cristãos teriam desestabilizado o modelo de família constituído no mundo greco-romano”.



Tecla resistiu às investidas de magistrado e num gesto desesperado arrancou a sua coroa, expondo-o ao ridículo (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 757). O gesto causou a ira da autoridade que a levou perante o tribunal, exigindo uma reparação pela afronta. Pela segunda vez, a virgem foi condenada à morte. O resultado injusto do julgamento gerou a revolta das mulheres que de modo veemente expressaram o seu descontentamento, gritando: “Má sentença, injusta sentença” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 759).⁷ Longe de uma atitude de resignação, como poderíamos supor, o que vemos nessa narrativa é um registro histórico de revolta feminina. Essa espécie de “coesão” existente entre essas mulheres fica ainda mais nítida na sequência do texto. Enquanto se desenrolavam os ataques contra Tecla, no teatro, as testemunhas desse acontecimento ficaram divididas: “[...] as mulheres estavam sentadas juntas. A plebe dizia: “tragam a sacrílega”. As outras exclamavam “Pereça essa cidade por essa impiedade”. Aniquila-nos todos procônsul: Triste espetáculo, Malvada sentença!” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 763).⁸ Em meio a esse clima, a virgem foi jogada às feras, porém, milagrosamente, uma leoa começou a defendê-la das demais feras. Na iconografia produzida posteriormente, essa cena foi escolhida para representar o martírio:

⁷ "Mala sentencia, injusta sentencia" (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, página 759).

⁸ "[...] las mujeres estaban sentadas juntas. La plebe decía: "traigan la sacrílega". Las otras exclamaban "Perezca esa ciudad por esa impiedad". Nos aniquila a todos procônsul: Triste espectáculo, Malvada sentencia!" (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, p. 763).



Figura 1: Ao centro, nua, Tecla encontra-se amarrada em meio às feras. Ladeada por dois anjos, a virgem aureolada exibe uma feição serena apesar da ameaça de morte. Escultura em baixo relevo, datada do século V, originária do Egito. Encontra-se atualmente no *Nelson-Atkins Museum of Art*, Kansas City, Missouri, EUA.

Imagem disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Saint_Thecla_and_the_Wild_Beasts_Probably_from_Egypt_5th_Cent._AD_Nelson-Atkins_Museum.JPG>. Acesso em: 7 out. 2016.



Depois, num gesto apoteótico, a donzela lançou-se dentro de um tanque e, invocando o nome de Jesus Cristo, autobatizou-se. Os Atos tratam ainda de outros eventos, entre eles, o reencontro entre mãe e filha em Icônio. O término do texto se dá com uma síntese dos últimos momentos da santa, afirmando que, “depois de haver iluminado a muitos com a palavra de Deus, dormiu com um lindo sonho” (PIÑEIRO; DEL CERRO, 2004/2005, p. 773)⁹.

Os trechos selecionados possibilitam situar essa fonte como “[...] um raro acesso a exemplos de uma voz narrativa popular” (PERKINS, 1995, p. 297). Nos feitos protagonizados por Tecla, especialmente, na insubmissão perante a mãe, o noivo e o magistrado, encontramos uma postura ativa e contestadora. Posteriormente, no episódio do circo, as mesmas atitudes podem ser vistas em uma proporção ainda maior. Nesse caso, a consolidação de um estado de revolta e insubordinação de um grupo de mulheres frente a uma situação injusta, questionado as medidas tomadas pelo procônsul. Em certo nível, essas mulheres sentiram-se tocadas por um sentimento de solidariedade em relação à Tecla,

⁹ "Y tras haber iluminado a muchos con la palabra de Dios, durmió con un bello sueño" (PIÑEIRO, DEL CERRO, 2004/2005, p. 773)

mesmo não sendo elas as atingidas diretamente pelo resultado da sentença. Além disso, não deixa de ser simbólica a atitude da leoa ao doar sua vida na defesa da moça. Assim, encontramos em Tecla um exemplo de autonomia e “poder”, motivo de desconfiança e descontentamento por parte de Tertuliano.

Cabe destacar ainda que as características atribuídas à Tecla, como resistência, coragem e liberdade, se alinham com as de outras tantas mulheres que sofreram o martírio nos séculos II e III. A temática da defesa da castidade também não se restringiu a jovem de Icônio, mas pode ser encontrada na história de Potamiena, que morreu queimada juntamente com sua mãe, em Alexandria (Egito). E Apolônia, descrita por Eusébio de Cesaréia como “uma virgem já idosa e extremamente admirável”, que após intensa tortura terminou supliciada á fogueira (CESARÉIA *apud* SIQUEIRA, 2006, p. 64). Portanto, ao mesmo tempo em que somos atraídos pelo papel forte e ativo desempenhado por essas mulheres, não podemos perder de vista que, muitas vezes, sendo redigidos por homens, esses relatos também visavam desenhar modelos de conduta para as demais mulheres cristãs.

3. Modéstia e silêncio: a posição da mulher na primeira carta de Paulo a Timóteo

A Primeira Epístola a Timóteo insere-se no conjunto das chamadas “cartas pastorais”. Segundo Paul Anton, “a escolha deste termo foi muito feliz porque essas cartas foram dirigidas a responsáveis por Igrejas e lhes lembram seus deveres enquanto ‘pastores’ das comunidades confiadas aos seus cuidados” (ANTON, 1987, p. 245). Todavia, a autenticidade paulina dessa, e de outras missivas, é motivo de discordância entre os estudiosos, com datações que variam da segunda metade do século I até o século II. Diante dessas discordâncias, optamos por seguir a posição de A. Robert e A. Fuillet que dissertam em favor do segundo século (ROBERT; FUILLET, 1970). Sendo assim, trabalhamos com um escrito deuteropaulino, ou seja, uma produção cunhada por discípulos ou pessoas que tiveram uma proximidade com Paulo de Tarso (5-67 d.C.).

Selecionamos para a análise o capítulo dois da primeira carta de Paulo endereçada a Timóteo. Nela, atribuíram-se ao apóstolo dos gentios algumas orientações sobre como deveria ser o comportamento feminino. O capítulo começa com uma admoestação, um pedido de orações, intercessões e ações de graça pelos homens, reis, e autoridades. Essa relação amigável com os poderes constituídos destoa dos Atos de Paulo de Tecla, onde o



apóstolo e Tecla enfrentaram uma série de ameaças e empecilhos para viver e anunciar a boa nova.

Em seguida, nos versos quatro, cinco e seis, predomina um cunho mais teológico, onde é defendido o papel de Jesus na redenção humana e na mediação entre Deus e a humanidade. Fazendo um recuo à sua experiência pessoal na fé, o redator legitima seu discurso assegurando que “(digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios na fé e na verdade” (BÍBLIA, I Timóteo 2, 7). Aqui encontramos o elemento de autoridade, o vínculo entre fé e poder, essencial para a compreensão das hierarquias nas igrejas cristãs. Em “Ética, sexualidade e política” (2004), Michel Foucault discorreu sobre as particularidades do poder pastoral. Segundo o teórico:

o pastorado trouxe consigo toda uma série de técnicas e de procedimentos que concerniam à verdade e à produção da verdade. O pastor cristão ensina — e nisso ele se inclui, certamente, na tradição dos mestres de sabedoria ou dos mestres de verdade, que podiam se, por exemplo, os filósofos antigos, os pedagogos. Ele ensina a verdade, ele ensina a escritura moral, ele ensina os mandamentos de Deus e os mandamentos da Igreja. Nisso ele é um mestre, porém o pastor cristão também é um mestre de verdade em um outro sentido: por um lado, o pastor cristão, para exercer sua tarefa de pastor, deve saber, é claro, tudo o que fazem suas ovelhas, tudo o que faz o seu rebanho e cada um dos membros do rebanho a cada instante, mas ele deve também conhecer o interior do que se passa na alma, no coração, no mais profundo dos segredos do indivíduo. Esse conhecimento da interioridade dos indivíduos é absolutamente exigido para o exercício do pastorado cristão.

(FOUCAULT; MOTTA, 2004, p. 69)

Ancorado na imagem bíblica do bom pastor, o líder religioso cristão coloca-se na posição de guia, indicando e vigiando as condutas e comportamentos de seus fiéis. As considerações foucaultianas são de grande valia para que não nos passe despercebido o tom impositivo com que a carta deuteropaulina foi revestida.

É a partir do verso nove que o foco volta-se para as mulheres. Primeiramente com uma preocupação estética, ou seja, quais as vestimentas e adornos que seriam recomendados ou não. O autor destaca o pudor e modéstia como norteadores do que deveria ser usado. Nesse sentido, tranças, ouro, pérolas ou vestidos preciosos seriam ornamentos não recomendáveis em prol de uma postura mais austera e reservada. Após essa observação, os versos onze e doze dizem respeito a questões comportamentais. É expressa uma visão acerca das mulheres pautada pela submissão e passividade: “A mulher



aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.” Diferente da posição ativa que vimos com Tecla e as demais mulheres narradas no texto apócrifo, o que nos deparamos agora é o enaltecimento de uma postura feminina pautada pelo silêncio e a resignação. Novamente notamos a existência de um silêncio, mas diferente do silêncio contestador e desafiador da santa mártir.

Qual a base dessa argumentação de 1Timóteo acerca das mulheres? Os versos treze, quatorze e quinze respondem essa pergunta. Neles vemos uma forma de fundamentação e/ou justificação desse pensamento. O escritor recorre ao livro do Gênesis para embasar sua posição, apontando para o papel ocupado pela mulher no pecado original. Ao ser enganada pela serpente, a mulher, na figura de Eva, tornou-se a causa primeira de um rompimento com a vontade de Deus. Dado o estado de transgressão, a salvação feminina passaria por uma espécie de reparação, ou seja, por meio da geração de filhos, e permanecendo “com modéstia na fé, no amor e na santificação” (BÍBLIA, I Timóteo 2, 15). Como observou M. den Dulk (2012, p. 179-180), essa posição sobre a salvação feminina diverge consideravelmente da experiência de Tecla, que se salvou sem passar pela geração de filhos.

Encontramos ecos desse pensamento em outra fonte, a carta de Clemente aos coríntios. Datada entre o fim do século I e começo do II, oferece uma posição sobre o papel feminino muito semelhante à de 1Timóteo. Assim escreveu Clemente I, considerado o quarto pontífice da Igreja romana:

Com efeito, em tudo vós agíeis sem fazer acepção de pessoas, andando segundo as prescrições de Deus, submissos a vossos chefes, e prestando aos presbíteros que estavam convosco a honra que lhes cabia. Exortáveis os jovens à moderação e dignidade. Recomendáveis às mulheres que fizessem tudo de consciência irrepreensível, na dignidade e na pureza, agradando a seus maridos, como convém. Elas se mantinham fiéis à norma de submissão, e vós lhes ensináveis a governar sua casa com dignidade e a observar a discrição em tudo.

(CLEMENTE I, Cap. I, v. 3)

Novamente, achamo-nos com um discurso que margeava a postura das mulheres. Posto isso, ponderando o teor das palavras consonantes de Clemente e 1Timóteo e a preocupação de ambos com o comportamento feminino, caberiam alguns questionamentos. Em que medida o contexto de redação das epístolas não nos indicaria para condutas opostas às desejadas pelos escritores? Num momento de desenvolvimento do cristianismo, a



preocupação com modelos ideais de comportamento é uma mostra de um processo de construção de identidade cristã. Nesse caso específico, estava em jogo a identidade da mulher cristã. No processo de construção identitária, quais seriam os elementos selecionados para distinguir a mulher cristã das outras tantas “mulheres” (judias, pagãs etc.), que figuravam naquele ambiente cultural? Acredito que tais perguntas sejam úteis para o entendimento da argumentação apresentada pelos autores cristãos dos primeiros séculos, acerca das mulheres.

Considerações finais

Diferentes estudos procuraram revelar as nuances da cultura popular. Através deles, chegamos ao entendimento de que os processos culturais se dão de forma dinâmica entre os grupos sociais no transcorrer do tempo. Ao longo do trabalho, a análise das duas fontes permitiu atentar para as distintas nuances acerca do papel feminino. Posto de lado a facticidade dos fatos narrados, encontramos o valioso registro de vozes femininas na antiguidade, com posturas que surpreendem pela autonomia. A radicalidade no comportamento de Tecla, nutrida pelo elemento religioso, quebrou regras e convenções sociais. Do outro lado, no discurso atribuído a Paulo, estruturou-se um modelo de comportamento feminino cristão, regido pela austeridade, o silêncio e a modéstia. Textos próximos, representações aparentemente conflitivas, mas que, se analisadas com cautela, possibilitam vislumbrar a diversidade de padrões de conduta que estavam sendo discutidos entre os grupos cristãos do século II d.C. Num cristianismo em formação, não somente questões doutrinárias estavam em debate, mas, também, o papel da mulher, seu espaço e suas margens de atuação naquele sistema religioso, ainda em processo de ordenação.

Poderíamos arrazoar, ainda, quais as motivações que levaram a carta deuteropaulina a entrar no cânon bíblico, enquanto os Atos de Tecla acabaram se tornando uma leitura marginal. Considerando a posição adotada por Tertuliano em relação à história de Tecla, não é muito difícil entender a opção feita, entre os dois textos, pelas autoridades cristãs nos séculos seguintes. Um exemplo dessa permanência se encontra na Igreja Católica. Em maio de 1994, o papa João Paulo II emitiu a carta apostólica *Ordinatio Sacerdotalis*, reiterando que a ordenação sacerdotal permanece reservada apenas aos homens. Nas palavras do pontífice,



Embora a doutrina sobre a ordenação sacerdotal que deve reservar-se somente aos homens, se mantenha na Tradição constante e universal da Igreja e seja firmemente ensinada pelo Magistério nos documentos mais recentes, todavia actualmente em diversos lugares continua-se a retê-la como discutível, ou atribui-se um valor meramente disciplinar à decisão da Igreja de não admitir as mulheres à ordenação sacerdotal.

Portanto, para que seja excluída qualquer dúvida em assunto da máxima importância, que pertence à própria constituição divina da Igreja, em virtude do meu ministério de confirmar os irmãos (cfr Lc 22,32), declaro que a Igreja não tem absolutamente a faculdade de conferir a ordenação sacerdotal às mulheres, e que esta sentença deve ser considerada como definitiva por todos os fiéis da Igreja.

(JOÃO PAULO II, 1994, On-line)

Apesar das aberturas ao diálogo promovidas recentemente pelo papa Francisco, ainda parece distante uma transformação do papel feminino na hierarquia da Igreja de Roma.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo - Brasília: HUCITEC-EDUNB, 1993.

BIBLIA. Português. *A Bíblia*. Edição Almeida corrigida e revisada Fiel, 2001.

CARREZ, Maurice e outros. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas. S. Paulo*. Paulinas, 1987.

CHARTIER, Roger. “*Cultura popular*”: revisitando um conceito historiográfico. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. *Fronteiras*, v. 13, n. 24, Dourados, jul./dez. 2011, p. 15-29.

CLEMENTE I. *Carta de Clemente aos coríntios*. Disponível em: <<http://www.apologeticacatolica.com.br/cocp/fixas/1corintios.htm>>. Acesso: 6 out. 2016.

DEN DULK, Matthijs. I Permit No Woman to Teach Except for Thecla. The Curious Case of the Pastoral Epistles and the Acts of Paul Reconsidered. *Novum Testamentum* 54, 2012, p. 176-203.

FOUCAULT, Michel; MOTTA, Manoel Barros da. *Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.



GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

HYLEN, Susan E. *A Modest Apostle: Thecla and the History of Women in the Early Church*. New York: Oxford University Press, 2015.

JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Ordinatio Sacerdotalis*. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1994/documents/hf_jp-ii_apl_19940522_ordinatio-sacerdotalis.html#_ftn7>. Acesso em 8 out. 2016.

PERKINS, Judith. *The Suffering Self. Pain and Narrative Representation in the Early Christian Era*. London and New York: Routledge, 1995.

DUNN, Peter Wallace. *The Acts of Paul and the Pauline Legacy in the Second Century*. Queens College, 2006.

PIÑEIRO, Antonio; DEL CERRO, Gonzalo. *Hechos Apócrifos de los Apóstoles*. Edición crítica e bilingüe. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), 2004/2005.

ROBERT, André; FUILLET, André (Dir). *Introducción a la Biblia*, tomo Segundo. Barcelona: Herder, 1970.

SILVA, Carlos Alberto; MATOS, Denilson da Silva. Bem-aventurados os castos: os Atos de Paulo e Tecla e a desconstrução do sistema patriarcal. *Revista Oráculo*, ano 11, n. 16, 2015, p. 29-39.

SIQUEIRA, Silvia M. A. Memória das mulheres mártires: modelos de resistência e liberdade. *Horizonte*, v. 4, n. 8, Belo Horizonte, 2006, p. 60-76.

TERTULIANO, Q. S. F. *De Baptismo*. Disponível em: <https://en.wikisource.org/wiki/Ante-Nicene_Fathers/Volume_III/Ethical/On_Baptism/XVII>. Acesso: 5 out. 2016.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

